

Dos montes, das pedras e das águas

Formas de interacção com o espaço natural da pré-história à actualidade

ANA M. S. BETTENCOURT
LARA BACELAR ALVES

(Eds.)



O Monte da Penha, Guimarães, como cenário de acções de incorporação e de comemoração do espaço na Pré-história da bacia do Ave

The Mount Penha (Guimarães). A scenery of incorporation and commemoration of space in the Prehistory of the Ave basin

Hugo Aluai Sampaio*
Ana M.S. Bettencourt**
Maria Isabel Caetano Alves***

Resumo: A perspectiva de que o espaço natural foi simplesmente palco de acções económicas e aproveitado em termos da optimização dos recursos será questionada, pois as comunidades estão imersas num mundo que desperta nelas a capacidade de atingir uma percepção espacial, simultaneamente produto da sua história social e da informação sensorial com o qual estruturam a realidade circundante (Thomas 2001). Desta forma, o espaço natural não existe enquanto entidade isolada, pois ele é permanentemente humanizado e recriado pelas comunidades que o vivenciam e o percebem quer através de histórias, lendas e memórias quer através de acções que deixam evidências materiais.

Com base nas premissas enunciadas escolhemos estudar o Monte de Nossa Senhora da Penha, em Guimarães, com o objectivo de interpretarmos a sua importância simbólica durante a Pré-História Recente. Trata-se de um relevo predominantemente de natureza granítica, com amplo domínio visual sobre a região e que se destaca na paisagem a quilómetros de distância, pela sua posição na bacia do rio Ave. De salientar, igualmente, além das inúmeras geofomas graníticas, de escala diversa, por vezes constituindo abrigos naturais, as nascentes e os cursos de água que ali proliferam. Trata-se de um lugar lendário no imaginário popular, sacralizado por um santuário e por diversas capelas, pelo menos a partir do séc. XVI, e frequentado na Pré-História, principalmente entre os finais do IV/inícios do III e os finais do I milénios AC.

A metodologia de trabalho partiu da revisão das materialidades arqueológicas aí descobertas dando especial relevância ao tipo de objectos encontrados, às “matérias-primas” com que foram efectuados e aos seus contextos de deposição para interpretarmos as acções e as motivações que lhes estiveram subjacentes e o modo como as comunidades se teriam articulado com este “espaço natural”, na longa diacronia.

* Doutorando da Universidade do Minho como bolseiro da FCT. Investigador do CITCEM/UM. hugoaluai@gmail.com

** Departamento de História da Universidade do Minho. Investigadora do CITCEM/UM. ana-bett@uaum.uminho.pt

*** Departamento de Ciências da Terra da Universidade do Minho. Investigadora do CGUP/EN- VISED/UM. icaetano@dct.uminho.pt.

Refutámos, assim, a hipótese de que este local teria sido um povoado, durante o Calcolítico e a Idade do Bronze, para o interpretarmos como um “lugar”, no sentido de J. Thomas (2001), de grande importância simbólica e religiosa para as comunidades pré-históricas que terão vivido nas planícies e colinas existentes nas suas imediações e que o terão vivenciado e incorporado no seu universo cognitivo, frequentando-o, provavelmente para acções e cerimónias públicas que terão culminado em deposições de artefactos metálicos, cerâmicos, líticos e, talvez, ósseos.

Palavras-chave: Monte de Nossa Senhora da Penha; Cenário; Lugar comemorativo; Deposições; Calcolítico e Idade do Bronze.

Abstract: The perspective that natural space was a merely scenario of economical actions and profited on account of optimization of resources will be questioned, as communities are immersed in a world that arise their interest in a capacity to achieve a spatial perception, product of their social history and sensorial information, how they structure the surrounding reality (Thomas 2001). In this manner, natural space does not exist whilst isolated identity, since it is permanently humanized and recreated by communities which experience and apprehend it, either using histories, legends and memories, or through actions that leave material evidences.

Based on the uttered premises we chose to study the Nossa Senhora da Penha Mount, in Guimarães, with the objective of trying to interpret its symbolic importance during recent Prehistory. This mount it is a predominant relief of granite nature, with ample visual domain among the region, detachable in the landscape, from kilometres, by its position in the Ave basin. To enhance, among the diverse granitic geofoms of various scales, some of them constituting natural shelters, the springs and the water courses that proliferate there. It is a legendary place in people’s imaginary, sacralised by a sanctuary and diverse chapels and frequented in Prehistory, specially, between the end of IV/beginning of III and the end of I millenniums AC.

The methodology applied covered the revision of the archaeological materialities discovered there, giving special relevance to the type of objects found, to the “raw materials” used on their production and to their “natural” contexts of deposition, having essayed new interpretations about the actions and motivations inherent to them and how communities may have been articulated with this “natural space”, in its long diachrony.

We no longer consider this site as a settlement used during the Calcolithic and Bronze Age, to interpret it as a “place”, in the same sense of J. Thomas (2001), of great social and symbolic importance to the prehistoric communities that may have lived in the immediacy plains and hills, who surely have dwelled and incorporated it in their cognitive universe, using it, probably for public actions and ceremonies which may have culminated in depositions of metallic, ceramics, lithic artefacts and, perhaps, osteologic remains.

Keywords: Nossa Senhora da Penha Mount; Geofoms; Scenery; Commemorative place; Depositions; Calcolithic and Bronze Age.

1. O Monte da Penha no contexto regional: características físicas e culturais

O Monte da Penha, localizado no interflúvio dos rios Selho e Vizela, situa-se a Este da cidade de Guimarães, na região do Minho, Norte de Portugal, e atinge 613 metros de altitude no seu ponto mais elevado (Fig. 1). Destaca-se regionalmente entre as colinas e os restantes montes, de altitude inferior a 400 metros, existentes no corredor formado pelo curso médio e inferior da bacia do rio Ave. É alongado, com orientação geral N-S e cerca de 5 km de comprimento, localizando-se entre a povoação de Mesão Frio, a Norte, e a de Abação, a Sul. É maioritariamente constituído por rochas graníticas hercínicas. A litologia predominante é o “Granito de Guimarães”, uma rocha granítica do tipo monzogranito biotítico, porfiróide, de grão

grosseiro (Fig. 2). Na área do topo do monte e nas vertentes a W (de Norte a Sul) existem bons afloramentos e grande diversidade de formas graníticas a várias escalas. Em termos geomorfológicos, são frequentes colinas e outras formas menores do tipo domo, blocos e bolas de grande dimensão, superiores a 5 metros de altura, resultantes da meteorização e da erosão. Estas geoformas ocorrem frequentemente associadas, algumas formando abrigos naturais (Figs. 3 e 4). O Monte é, também, recortado radialmente por vários cursos de água que ali nascem.

A abundância de blocos/bolas nas vertentes e principalmente no topo do monte originou a designação popular de penha, nome por que é, ainda hoje, conhecido.

Pela sua posição geo-estratégica, na confluência de dois corredores importantes de circulação, os vales formados pelos rios Selho e Vizela; pela sua altitude que permite a sua perceptibilidade numa área de muitas dezenas de quilómetros; pelo amplo domínio visual que proporciona; pela impressividade, dramatismo e condições sonoras de muitas das suas geoformas e pela abundância de grutas, abrigos e nascentes que brotam do caos de blocos (Figs. 5 e 6), o Monte da Penha foi frequentado e vivenciado pelas comunidades humanas que, desde a Pré-História até à contemporaneidade, viveram e vivem nos vales em seu redor. Pela memória *folk* sabemos que, desde tempos imemoriais, as comunidades lhe atribuíram sentidos e propriedades, por vezes da ordem do fantástico. A este propósito é de relatar um testemunho recolhido nos finais do séc. XIX por F. Martins Sarmiento (1988: 110-114) que diz “... a serra, sobretudo na vertente ocidental, está cheia de thesouros, e alguns em determinados sítios. É o que succede, por exemplo, com o Penedo do Tambor, do Escrivão, do Sino, dos Quartas (...) o Penedo do Escrivão tem demais a particularidade de pertencer a uma espécie de rochas, encantadas, que ninguém poderá partir (...). As denominações do Penedo do Sino, do Tambor, vem-lhe como n'outras partes, da ressonância da rocha, quando é percutida em certo ponto (...). O meu informador alludia a tudo isto com uma espécie de terror...”.

Se os primeiros “visitantes” ali levaram a cabo práticas que pouco alteraram a configuração física deste lugar, a partir de finais do século XIX e, mais intensamente, ao longo do século XX, as áreas mais elevadas foram intensamente antropizadas para se adaptarem às necessidades decorrentes da vivência ligada aos valores do tipo religioso, simbólico, turístico e de lazer (Oliveira 2001; Barroso 2004). Ali se constrói um monumento em honra ao Papa Pio IX (Fig. 7), se ergue um santuário a Nossa Senhora da Penha, se dá início a um processo de arborização e de construção de passeios e arruamentos e se constrói um parque de campismo que alteraram irreversivelmente algumas características “naturais” deste monte (Oliveira 2001).

Por outro lado, toda esta actividade permitiu a descoberta ocasional de inúmeros vestígios arqueológicos que, de forma mais ou menos pormenorizada, foram sendo publicados (Sarmiento 1888; Pina 1928, 1931; Cardoso 1937, 1957) e guardados em diversas instituições como a Sociedade Martins Sarmiento, o Museu Municipal de Viana do Castelo ou o Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa. Na segunda metade do séc. XX e nos inícios do séc. XXI efectuam-se algumas escavações arqueo-

lógicas, nem todas elas publicadas, embora sejam descobertos novos achados, se noticiem novas datas de radiocarbono, se ensaiem algumas interpretações sobre o papel social deste vasto lugar, durante a Pré-história recente do NW Peninsular (Cardoso 1968, 1971; Kalb 1980; Silva *et al.* 1988-89; Bettencourt *et al.* 2003a, 2003b).

2. Objectivos

Tendo em conta novos paradigmas entretanto divulgados e adoptados na comunidade científica portuguesa, urge submeter as materialidades arqueológicas provenientes do Monte da Penha a um novo olhar e a um novo quadro de questões que privilegie a interacção entre o espaço e as acções humanas.

Assim, este trabalho tem como objectivo interpretar o modo como as comunidades da Pré-história Recente, mais precisamente as Calcolíticas e da Idade do Bronze, perceberam, vivenciaram e interagiram com este lugar durante cerca de 2000 anos. Dito de outro modo, o que se pretende é uma leitura da importância simbólica que este espaço terá tido no âmbito das comunidades que habitaram o curso médio do vale do Ave.

3. Metodologia

Para a elaboração deste texto tivemos como base os postulados em seguida enunciados. Antes de tudo, a noção da inexistência da dicotomia entre natureza e cultura, um tema que tem suscitado um aceso debate no seio das Ciências Sociais e Humanas (Ingold 2000). Tal como refere R. Bradley (2006: 11) “*archaeologists have contrasted nature with culture in a way that was surely irrelevant in the past*”. Como conceito substituto usaremos o de paisagem que, segundo T. Ingold (2001), será algo que resulta, não apenas das características físicas do meio como também de uma série de acções das sociedades nesse meio onde se encontram imersas. Os indivíduos nascem, vivem e morrem numa paisagem, agindo e contribuindo para a sua construção. A paisagem será, então, a percepção que as comunidades detêm do mundo circundante onde actuam, pelo que será algo de complexo e dinâmico.

Surge aqui referido o conceito de acção ou de agência. Relativamente ao estudo do passado, J. Barrett (2001: 152) alega que o objectivo não será tanto reconhecer que uma acção ocorreu, mas antes perceber algo sobre a “performance” inerente a essa mesma acção, os meios da sua execução e o seu contexto histórico. Já anteriormente A. Giddens (2000 [1979]: 14) argumentara que «*a ideia de “acção”, ou de agência, não se refere a uma série de actos discretos combinados entre si, mas a um fluxo contínuo da conduta*», sendo um erro tentar simplificar a acção humana ao ponto de a seccionar em variáveis como o pensamento, o meio, o contexto histórico, ou mesmo o interesse,

o desejo ou as necessidades que lhe são inerentes. No reforço desta ideia, J. Thomas (2006: 350) defende que a vida social não poderá ser entendida como pontuada por episódios descontínuos de actividade. Por este motivo, a agência será versatilmente contínua, uma vez que emerge de uma forma de estar do homem no mundo, resultado e resultante dessa agência que, reciprocamente, molda e é moldada.

Baseámo-nos também na importância da memória social na estruturação das sociedades, uma vez que esta demonstra ser um importante motor para a manutenção ou mudança de determinadas práticas, permitindo a lembrança ou simplesmente, promovendo o esquecimento de eventos passados (Van Dyke & Alcock 2003: 1). Tal como hoje, também as comunidades do passado se aperceberam dos palimpsestos ocupacionais de que eram alvo determinados lugares. Segundo R. Van Dyke & S. Alcock (2003: 1), “*sites were built on sites; landscapes were occupied and reoccupied time and again*”, vincando que raramente eram reutilizados de forma inocente ou sem significado. Diversos autores (Halbwachs 1975 [1925], 1992 [1950]; Conner-ton 1989; Hutton 1993; & Van Dyke & Alcock 2003) referem a memória social como responsável pela construção de uma consciência comunitária sobre as “coisas” do passado. Exemplo disto poderá ser a promoção, nas comunidades pré-históricas, de uma noção de ancestralidade, hoje perceptível, nalguns casos, por práticas que deixaram algumas materialidades passíveis de serem interpretadas nesse sentido. J. Thomas (2001: 175) menciona que a paisagem possibilita uma lembrança contínua das relações entre as gerações vivas e as passadas e, conseqüentemente, de linhas de descendência e de sucessão.

Outro conceito que usaremos neste trabalho é o de lugar, ou seja, o de sítio que associado a um conjunto de memórias contribui para fomentar a consciência de pertença a um determinado espaço, por parte das comunidades. «*Places, meanings, and memories are intertwined to create what some authors have termed a “sense of place” (e.g. Feld and Basso 1996). A sense of place rests upon, and reconstructs, a history of social engagement with the landscape, and is thus inextricably bound up with remembrance, and with time; its construction is tied into networks of associations and memories through a process Basso (1996: 107) calls interanimation*» (Van Dyke & Alcock 2003: 5). Em termos de pré-história, lugar será sinónimo de algo especial, alvo de agências, celebrações, carregado de histórias, sentidos e significados, permitindo às comunidades ter uma relação emocional com um sítio. R. Van Dyke & S. Alcock (2003: 5) reforçam esta noção referindo que os lugares e espaços que foram circunscritos com significados resultaram de um evento passado ou de ligação com o presente. Os *loci* experienciados passam a ser lugares importantes, na medida em que se tornam vitais para a construção da memória individual e, por extensão, colectiva, numa relação que pode, por vezes, deixar traços dessa relevância. Desta forma, a experiência dos diversos lugares e a vivência humana permitem aos agentes constituir uma realidade própria do “mundo” que habitam. Contudo, atribuir singularidade a determinados “lugares” não implica necessariamente uma transformação antrópica do mesmo, sendo muitas

das vezes as características únicas e impressionantes dos sítios determinantes para a sua importância: *“places that were left entirely unmodified might be among the most significance to the people who visited them”* (Bradley 2000: 28).

A ideia de que, para as comunidades pré-históricas, as características do meio eram animadas, é também aceite neste trabalho, pois não é difícil perceber que a inexistência de explicações científicas para alguns dos fenómenos com que as comunidades do passado se deparavam, lhes permitisse interpretar o que vivenciavam e experienciavam recorrendo a explicações de ordem transcendental e do intangível. Algumas das características naturais poderiam deter poderes especiais, podendo fazer parte de narrativas interpretadas e reinterpretadas e, conseqüentemente, passadas de geração em geração, pelo que a sua percepção se poderia ir alterando ao longo da história. Deste modo a paisagem seria a personificação externa de um amplo sistema de crenças que, por sua vez, teve profundas conseqüências nas formas de a perceber (Bradley 2000: 11) ou, como propõe J. Thomas (2001: 175) para o trabalho de Mulk (1994) sobre os Saami, *“landscape as in some sense animated, and involved in a kind of reciprocity with human beings”*.

Neste texto também se adopta o conceito de materialidade e abandona-se a designação de cultura material, uma vez que esta resulta da construção teórica ocidental moderna com raízes no pensamento cartesiano que pressupõe um antagonismo entre os conceitos de material e mental (Thomas 2004). Ao adoptarmos o termo materialidade partimos do pressuposto que a matéria será também ela um agente activo sobre a cultura e não tão-somente um seu reflexo, tornando-se um estímulo para a organização dos sistemas sociais. Segundo J. Barrett (2001: 152) *“practices make reference to conditions and values which are absent and that material conditions are part of the media which structure that referential process”*. A. Giddens (2000 [1979]: 35) refere que os sistemas sociais *“implicam relações regularizadas de interdependência entre indivíduos e grupos, que nas suas formas mais típicas podem ser analisadas como práticas sociais recorrentes”*. A semelhança de “lugar”, a prática “alimenta-se” da memória e das experiências, podendo ser transmitida entre indivíduos. Desta forma, as materialidades, mais do que condições materiais, terão um papel activo na efectivação de determinadas estratégias da prática social, pelo que o verdadeiro significado histórico dessas materialidades relaciona-se mais com os contextos sociais em que se situam, do que propriamente com as suas características formais.

4. Materialidades e contextos

A análise das materialidades arqueológicas encontradas no Monte da Penha, da bibliografia antiga na demanda dos seus contextos, cruzada com os resultados das prospecções sistemáticas e das escavações arqueológicas aí dirigidas por uma das signatárias deste trabalho (AMSB), assim como o melhor entendimento da origi-

nalidade das características físicas deste espaço, permitiu-nos algumas considerações que passaremos a enunciar.

Em primeiro lugar é possível, pelo tipo de materialidades exumadas e pelas datas de radiocarbono (Quadro I), admitir que o Monte da Penha foi frequentado por populações desde o Calcolítico até ao Bronze Final, senão mesmo, até à Idade do Ferro.

Quadro I

Ref. Lab.	Contexto	Data BP	Cal. 2 sigma	Publicação
AA63061	Escavações na área do Santuário da Penha. Semente sobre pavimento argiloso	4102±42	2872-2498	Inédita
AA63075	Escavações no adro da Capela de St ^a Catarina – Carvões	2812±41	1111-844	Inédita
GrN 5568	Madeira incarbonizada do alvado de uma das pontas de lança do depósito da Pedreira da Pena ou da Quinta do Telhado	2880±65	1268-900	Cardoso 1968; 1971

Datas de radiocarbono do Monte da Penha. A calibração foi efectuada a partir do programa Oxcal4.1 e a Curva Intcal 109 disponível em <http://C14.arch.ox.ac.uk/oxcal/oxCal.html>.

Em relação ao Calcolítico, pelo menos durante o III milénio AC (tendo em conta que a data de radiocarbono apenas permite datar um momento preciso de ocupação e não a totalidade da frequência dos vários lugares aqui ocupados durante este período genérico), sabemos que as materialidades foram encontradas essencialmente *no interior de abrigos naturais* de topo, principalmente a Norte deste monte, entre o Santuário de Nossa Senhora da Penha e o monumento ao papa Pio IX. De destacar, a este propósito, o texto de M. Cardoso (1971: 258-259) que passamos a citar: “... *quase todo o espólio da Penha (foi) encontrado no interior de grutas naturais ou abrigos formados pelos aglomerados de rochedos (...). Tivemos ocasião de observar, em tempos, uma dessas grutas naturais, logo após a sua escavação, pois se encontrava totalmente repleta de terra no seu interior. Desentulhada, eram ali evidentes os vestígios de trabalho humano, aparecendo as fendas e os interstícios dos penedos cuidadosamente calafetados pelo lado interior com algumas pedras avulsas ali colocadas*”. Esta informação e o estado relativamente bem conservado a que nos chegaram os artefactos líticos e mesmo os cerâmicos, se tivermos em conta as condições de trabalho da época, onde a enxada era frequente, poderá indiciar que muitos dos achados teriam permanecido em

contextos fechados, após a sua amortização. É o que depreendemos das palavras de M. Cardoso (1968: 273-274) quando diz “*alguns dos quais (fragmentos cerâmicos) permitiram a reconstituição dos vasos a que pertenciam*”, o que indicia, provavelmente a existência de recipientes intactos, tendo sido partidos pelos operários no decorrer das obras de desentulhamento das grutas e abrigos (Figs. 8, 9).

Sabemos ainda que no local apareceram diversos machados de pedra polida, esféroides de granito, seixos rolados, um disco de granito perfurado no centro e gravado com um motivo radial (Fig. 10), pontas de seta em sílex, em quartzito e em xisto, de bases triangulares e côncava, etc. (Cardoso 1968, 1971), todos objectos em bom estado de conservação que, mais uma vez, poderão ser associados a práticas de amortização intencionais.

Recentemente foi identificado um vaso com motivos oculados, a partir de um fragmento cerâmico desenhado por J.L. de Pina (1928) e por M.M. Silva & P.M. Santos (1988-1989) e descoberto um fragmento de um vaso campaniforme pontilhado geométrico, depositado nas reservas do Museu Nacional de Arqueologia (Bettencourt *et al.* 2003a: 150) (Figs. 11, 12). Ambos estes recipientes, providos de grande valor simbólico e social, são normalmente manipulados e amortizados no âmbito de actos e contextos de excepção.

As escavações na área de maior concentração de artefactos calcolíticos apenas revelaram, nas imediações da igreja de Nossa Senhora da Penha, resquícios de um pavimento argiloso endurecido, adossado a um afloramento granítico, indiciando algumas actividades realizadas ao ar livre a par das deposições em grutas e abrigos (Bettencourt *et al.* 2003a).

Ao Calcolítico Final/Bronze Inicial pertenceria um machado plano de cobre, encontrado nas imediações da fonte de Santa Catarina, no topo do monte, zona de profusão de caos de blocos e com excelente visibilidade para oeste (Fig. 13). Neste local encontraram-se, ainda, machados em pedra, entre outros materiais, de cronologia posterior. Sobre o assunto diz L. Pina (1928: 138) “... *ali, para o lado da nascente de água que permanentemente brota num fio pela fisga de uma rocha, encontrámos mais alguns restos de cerâmica, mós e machados de pedra, um machado de cobre, uma formosa lança margiana, discos de pedra polida e pedacinhos de rouge e ocre para tatuagem, sem contar com alguns machados de bronze, surripiados pelos trabalhadores*”. Pelas características do local e dos achados é quase certo de que estes artefactos se encontravam em contexto intencionalmente amortizado, entre a penedia. O que infelizmente não conseguimos saber é se se trataria de um só local, usado na longa duração, ou de vários.

Dos finais do Calcolítico, inícios da Idade do Bronze será um braçal de arqueiro, de contexto desconhecido (Cardoso 1971) mas proveniente dos trabalhos realizados na plataforma superior do Monte da Penha até meados do séc. XX (Fig. 14). De referir que este tipo de objecto é comum em ambientes funerários.

O achado de um machado plano de cobre, numa plataforma média ou baixa da vertente norte da Penha, na freguesia de Mesão Frio (Harbinson 1967: 117; Jun-

ghans *et al.* 1968: 28; Monteagudo 1977: 292; Comendador Rey 1998: 95), artefacto raro e que cremos de valor excepcional, também atribuível ao Calcolítico Final/Bronze Inicial, indicia igualmente contexto de depósito noutra área deste monte.

Pela leitura atenta da bibliografia antiga, pelas prospecções intensivas realizadas nas plataformas superiores do Monte da Penha, pela observação dos materiais exumados nas escavações realizadas por F. Queiroga, nos finais dos anos 90, numa plataforma contígua ao topo do monte, entre o Santuário da Penha e o Monumento ao Pio IX¹ e pelas escavações realizadas por um dos autores, os achados da Idade do Bronze parecem concentrar-se a sul da plataforma superior, a partir do Monumento ao Pio IX, quer à superfície quer em fendas ou abrigos graníticos (Bettencourt *et al.* 2003b). Também se registaram achados deste período genérico em plataformas altas, médias e baixas, das várias vertentes deste monte.

Apesar de desconhecermos o contexto preciso de muitos dos achados deste período, sobretudo os cerâmicos, o bom estado de conservação dos vasos depositados no Museu da Sociedade Martins Sarmento, provenientes da Penha (Cardoso 1968, 1971), permite colocar a hipótese de que seriam igualmente oriundos de contextos fechados, associados a eventuais práticas deposicionais. Regista-se um vaso subcilíndrico (forma 11), um púcaro (forma 10), uma urna (forma 15), um largo bordo horizontal (forma 13) e duas formas de potes (forma 5 e forma inovadora)². Se a forma 13 se pode incluir quer no Bronze Médio quer no Bronze Final, já a forma 15 se poderá associar ao Bronze Final. As restantes formas têm uma larga diacronia (Figs. 15, 16).

Talvez ao Bronze Médio ou aos inícios do Bronze Final se possa atribuir os dois machados de talão e uma aselha, que deram entrada no Museu da Sociedade Martins Sarmento, em 1950 e 1958 (Fig. 17), assim como a ponta de lança com aletas laterais (Cardoso 1968; 1971) (Fig. 18). Se esta última peça é proveniente de um depósito nas imediações da fonte de Santa Catarina (Pina 1928), é provável que estes machados façam parte do mesmo contexto, talvez alguns dos que, no momento da descoberta, foram “*surripiados pelos trabalhadores*”.

Certamente do Bronze Final será o cinzel de alvado ou conteira, de contexto desconhecido (Cardoso 1968, 1971).

Perto da fonte de Santa Catarina, na área da capela dedicada à santa com o mesmo nome, foram realizadas sondagens arqueológicas em 2002. Apesar de aí se ter detectado uma ocupação do Bronze Final, datada de entre os sécs. XI e IX AC (Quadro 1), onde se descobriu um lajeado coberto por saibro bem compactado, a cerâmica correspondente a este nível de ocupação era extremamente escassa (Betten-

¹ Estas escavações permitiram verificar a não existência de qualquer nível de ocupação naquela zona, livre de afloramentos graníticos, embora aí existissem diversos fragmentos de cerâmica de tipo Penha, oriundos de cotas mais elevadas onde são comuns abrigos e grutas.

² Segundo a tabela de formas de A.M.S. Bettencourt (1999, 2000) elaborada para a bacia do Cávado.

court *et al.* 2003: 170), o que não abona em benefício da existência de um povoado no local, ao contrário do que aqueles autores defenderam na altura, na senda de M. Cardoso (1971). Devemos, assim, procurar outras explicações para a presença daquela estrutura, localizada nas proximidades de um grande abrigo e no interior de uma pequena plataforma, delimitada por grandes afloramentos.

Durante o Bronze Final foram efectuados outros depósitos de artefactos metálicos no Monte da Penha.

Um deles é o do Lugar do Telhado, freguesia de S. Tomé de Abação, no local designado como Pedreira da Pena, a cerca de 650 m a su-sudeste do monumento ao Pio IX (Cardoso 1968; Bettencourt *et al.* 2003a: 141). Aí, exumaram-se duas pontas de lança de alvado “*ao lado de um grande bloco granítico que uns operários andavam a fracturar para a montagem de pedra destinada a construções. Ao escavarem e desviarem a terra em redor do penedo, surgiram duas peças metálicas, apenas a uns 40 cm abaixo da superfície do terreno*”. Não longe deste achado encontraram parte de um vaso cerâmico, também detectado aquando de remoções de terra (Cardoso 1968: 277-278) (Figs. 19, 20). Trata-se efectivamente de um vaso da forma 12 (taça carenada), oriunda de um local onde abundam afloramentos graníticos à superfície. M. Cardoso (1968: 280) refere, ainda, que não havendo em Portugal laboratório para datações de radiocarbono “*pedimos (...) à Delegação do Instituto Arqueológico Alemão para promover a realização dessa análise mediante os fragmentos de madeira incarbonizada, pertencentes às hastes destas lanças ou dardos, fragmentos que foi possível encontrar dentro do alvado das respectivas folhas de bronze*”. Esta data foi publicada em 1971 pelo autor (Quadro I).

O outro é o do lugar do Souto Escuro, na Cantonha, freguesia da Costa, numa plataforma média da vertente noroeste “*quando três pedreiros (...) descalçavam e aliviavam da terra a base de um grande penedo, no lugar do Souto-Escuro (...) (encosta do monte da Penha voltada ao poente) para em seguida o partirem, encontraram uma pequena vasilha de barro que continha dentro cinco objectos de ouro*”. “*Pela descrição que nos fizemos (...) a totalidade do achado constava de 3 braceletes e 2 diademas*” (Cardoso 1937: 89-93) (Fig. 21). Em 1971, nota 11, diz M. Cardoso a propósito deste achado “*Um daqueles braceletes era constituído por uma argola maciça, e os diademas eram de chapa muito fina, de forma rectangular, com cerca de 20 a 25 cm de comprimento por uns 4 cm de largura, que, pela descrição, supomos fossem do mesmo tipo dos conhecidos diademas de Balugães*”. Ao serem correctas estas ilações estaríamos perante um acto deposicional que implicou a amortização intencional de um conjunto de artefactos desde o Bronze Inicial ao Bronze Final, o que aliás não é incomum na Idade do Bronze Peninsular.

No que respeita a uma frequência do Monte da Penha durante a Idade do Ferro, os dados são muito escassos, embora interessantes. Se as prospecções e escavações aí realizadas, em 2002, não permitiram detectar qualquer povoado deste período, nem tão pouco materiais de superfície que indicassem uma ocupação intensiva do local, também é verdade que existem nas reservas do Museu da Sociedade Martins Sarmento um ou outro fragmento e um vaso inteiro, encontrados algures no Monte

da Penha, cujas características morfológicas e técnicas se inserem neste período. Se a este achado associarmos a notícia do padre António Caldas, referida por F. Martins Sarmiento, em 1888, do aparecimento, junto ao monumento ao Pio IX (o local do grande domo), de “*objectos de ferro com feitio de armas, que desapareceram sem se saber como*”, talvez se possa considerar a hipótese de que estes objectos, pelas suas características, estado de conservação e raridade, fossem também provenientes de contextos deposicionais.

5. O Monte da Penha como lugar de sentidos e de memória

Tendo em consideração a originalidade e dramatismo deste cenário “natural” no seio do curso médio da bacia do Ave, as materialidades descobertas, os seus contextos genéricos de achado, essencialmente em grutas e abrigos, as lendas e “estórias” que nos chegaram através da cultura imaterial e as premissas enunciadas, este local parece ter-se assumido como um “lugar”, no sentido de Basso (1996) e de Van Dyke & Alcock (2003), carregado de significações simbólicas, passadas de geração em geração, o que proporcionaria às populações que o frequentaram e que aí participaram em diversos actos e cerimónias, um sentimento de pertença, além de experiências emocionais e, simultaneamente, integrativas num universo cognitivo comum.

Se é certo que muitos lugares naturais, apesar de não conterem evidências de acções antrópicas “*have an archaeology because they acquired a significance in the minds of people in the past*” (Bradley 2000: 35), só os traços das actividades humanas nos permitem reconhecê-los como tal. Neste sentido o Monte da Penha, apesar das vicissitudes e das condições de muitos dos achados descobertos, pode considerar-se um lugar privilegiado para os arqueólogos, ao permitir identificar um determinado número de acções de carácter deposicional desde, pelo menos, o segundo quartel do III milénio AC, ou seja, desde o Calcolítico, passando pelo Calcolítico Final/Bronze Inicial, até ao Bronze Final ou, eventualmente, durante a própria Idade do Ferro.

De igual modo, os contextos de deposição mais comuns (grutas, abrigos, fendas), o tipo de artefactos encontrados, o seu número³ e o seu relativo bom estado de conservação, indiciam acções celebrativas que implicaram a ocultação de determinadas materialidades, muito provavelmente efectuadas em momentos específicos no âmbito de celebrações comunitárias, por parte de populações que não viveriam no local, mas sim nas suas imediações e a cotas mais baixas, como se pode constatar pela

³ No trabalho efectuado por M.M.S. Silva & P.M. Santos (1988/1989) sobre as cerâmicas calcolíticas encontradas no Monte da Penha, estas autoras apenas inventariaram 264 fragmentos. Mesmo que a estes se anexassem os diversos fragmentos dispersos por outras instituições oferecidos como amostragem, pensamos que são manifestamente poucos, comparativamente aos que aparecem em contextos de povoados e que são da ordem de muitas centenas ou milhares. Ver por exemplo o trabalho de S.O. Jorge (1986).

distribuição dos mais diversos povoados Calcolíticos, da Idade do Bronze e mesmo da Idade do Ferro existentes no curso médio do vale do Ave. Tal permite rejeitar a interpretação de que este local teria sido um povoado durante a Idade do Bronze (Cardoso 1971; Bettencourt *et al.* 2003b) ou mesmo durante o Calcolítico (Jorge 1986: 814-815; Bettencourt *et al.* 2003a: 149).

Os dados que possuímos sobre o Monte da Penha parecem indicar que este espaço natural não foi significativamente alterado durante o Calcolítico e a Idade do Bronze, pois a maioria dos achados parecem provir de contextos fechados, como grutas, abrigos ou fendas, sendo os restantes procedentes de estruturas percíveis bastante escassas e sempre associadas a poucos artefactos, o que permitiu a conservação das características essenciais deste espaço. Que interpretações poderemos fazer destes factos? A resposta não é simples e os dados possibilitam equacionar várias hipóteses.

Em primeiro lugar, pensamos que vários artefactos metálicos, sobretudo os encontrados nas imediações da fonte de Santa Catarina, os da Pedreira da Pena/Quinta do Telhado e os do Souto Escuro/Cantonha, poderiam corresponder a um conjunto de práticas que R. Bradley (1990) apelida de deposições votivas associadas a afloramentos.

Segundo, que artefactos como o braçal de arqueiro ou o vaso de largo bordo, embora de balizas cronológicas distintas, poderiam associar-se a práticas ou deposições funerárias, dado que são objectos quase exclusivos de contextos tumulares no NW peninsular (Bettencourt 1999, entre outros).

Terceiro, que a imponência e as particularidades físicas do Monte da Penha, que o terão tornado impressivo, significativo e “animado”, no sentido em que teria vida própria em termos mitológicos, como se verifica pela memória *folk* até ao séc. XX⁴, teria justificado as escassas alterações antrópicas aí verificadas durante a Pré-História, interpretadas apenas como estruturas de apoio às práticas que aí se teriam desenvolveriam e que implicaram a manipulação de algumas materialidades de grande valor simbólico ou social. Nesta perspectiva, é possível que os depósitos de artefactos de cobre, de bronze e de ouro, entre outras amortizações, fossem a materialização de determinados acções de carácter social ou mágico tendentes a integrar as comunidades no espaço natural onde se inserem e a ordenar simbolicamente o mundo nas quais estão imersas. Neste sentido, e seguindo a ideia de R. Bradley (2006: 12), o Monte da Penha faria parte daquelas «*distinctive landforms that were imbued with special values were taken out of the “natural” world and bought into the world of human “culture”*». Desta forma, as práticas aí realizadas não teriam como finalidade exercer um “domínio” sobre o Monte mas antes a sua “comemoração”, através de acções de carácter excepcional no contexto da vida diária. O facto de estas terem sido efectua-

⁴ Partirmos do pressuposto de que, para as comunidades tradicionais, a génese de alguns espaços naturais é frequentemente explicada em termos mitológicos, sendo estes formados por ancestrais ou por forças sobrenaturais (Bradley 2000: 35).

das de forma mais ou menos dissimulada e preocupadamente ocultas na paisagem, parecem ser um indicativo do que referimos, revelando, simultaneamente, actos de incorporação. Ao crermos que as materialidades encontradas seriam agentes activos implicados na efectivação de determinadas estratégias da prática social (Barret 2001), então as encontradas na Penha poderiam ter sido actuanes, por exemplo, nos processos de incorporação do mundo.

Aspecto igualmente relevante é a recorrência de práticas sociais aqui efectuadas na longa diacronia, um pouco por todo o monte (plataforma superior, vertentes norte, noroeste, etc.), o qual parece estar simbolicamente activo ao longo de milhares de anos. Sem queremos criar uma biografia linear deste lugar, mas partindo do pressuposto que a recorrência se “alimenta” da memória e dos mecanismos a ela inerentes, então as práticas realizadas no Monte da Penha poderão indiciar processos de construção, interpretação e reinterpretação de memórias colectivas ancestrais, na senda de vários autores que defendem que “*the construction of social memory can involve direct connections to ancestors in a remembered past or it can involve more general links to a vague mythological antiquity, often based on the re-interpretation of monuments or landscapes*” (Gosden & Lock 1998; Meskell 2003).

Seja como for a transmissão da memória e a sua codificação, é sempre alterada pelos contextos históricos em que se desenvolve e pelas “políticas” em que vigora, algo ao que o Monte da Penha não terá escapado ao longo dos 5 000 anos em que parece ter estado simbolicamente activo.

Em termos históricos, o impacto do “acidente natural” da Penha enquanto ícone religioso está bem patente desde o séc. XVI. Bastará para isso aceder ao local e decifrar, nos diversos sinais aí presentes, a permanência desse significado. Referimo-nos, por exemplo, às construções das capelas de Santa Catarina e de Nossa Senhora do Carmo da Penha; às grutas e abrigos transformados para veneração a Santo Elias, a Nossa Senhora de Lurdes, etc.; à “sacralização” da fonte de Santa Catarina; à implantação de inúmeras cruzeiras; à persistência de lendas associadas a inúmeros afloramentos e à consagração do “Santuário da Penha” através de uma procissão anual, reconhecida peninsularmente (Figs. 22, 23). Percepcioná-la, interagir e vivê-la, da mesma forma que as comunidades da Pré-história recente, será sim uma tarefa impossível.

Bibliografia

- BARRET, J.C. 2001. Agency, the duality of structure, and the problem of the archaeological record. In I. Hodder (ed.) *Archaeological Theory Today*. Cambridge: Polity Press: 141-164.
- BARROSO, P. 2004. *Romarias de Guimarães – património simbólico, religioso e popular*. Guimarães. NEPS/Universidade do Minho.
- BASSO, K.H. 1996. *Wisdom Sits in Places: Landscape and Language among the western Apache*. Albuquerque. University of New Mexico Press.

- BETTENCOURT, A.M.S. 1999. *A Paisagem e o Homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC*, 5 vols. (Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho, na área de Pré-História e História Antiga – policopiada).
- BETTENCOURT, A.M.S. 2000. *Estações da Idade do Bronze e Inícios da Idade do Ferro da bacia do Cávado (Norte de Portugal)*. Cadernos de Arqueologia, Monografias – 11. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- BETTENCOURT, A.M.S. no prelo. Estruturas e práticas funerárias do Bronze Inicial e Médio do Noroeste Peninsular. In Javier Sanchez Palencia, Anthony Gilman & Primitiva Bueno (eds.) *Livro de Homenaje a Maria Dolores Fernández-Posse y de Arnáiz, Bibliotheca Praehistorica Hispana (BPH)*. Madrid: CSIC.
- BETTENCOURT, A.M.S.; DINIS, A.P.; CRUZ, C. & SILVA, I.S. 2003a. A estação arqueológica da Senhora da Penha, Guimarães (norte de Portugal): notícia preliminar das escavações de 2002. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 43 (3-4): 137-162.
- BETTENCOURT, A.M.S.; DINIS, A.P.; CRUZ, C. & SILVA, I.S. 2003b. O Povoado da Idade do Bronze de Santa Catarina, Guimarães (norte de Portugal). Resultados dos trabalhos arqueológicos de 2002. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 43 (3-4): 163-179.
- BRADLEY, R. 1990. *The passage of arms*. London and New York: Routledge.
- BRADLEY, R. 2000. *An Archaeology of Natural Places*. London and New York: Routledge.
- BRADLEY, R. 2003. The translation of time. In R.M. Van Dyke & S.E. (eds.) *Archaeologies of Memory*. Oxford: Blackwell: 221-227.
- BRADLEY, R. 2006. A visual metaphor for landscape archaeology. In V.O. Jorge, J. Muralha Cardoso, A. Vale, G.L. Velho & L. Pereira (eds.) *Approaching “Prehistoric and Protohistoric architectures” of Europe from a dwelling perspective*. Porto: ADECAP: 11-13.
- CARDOSO, M. 1937. Um crime de lesa-arqueologia e lesa-arte. *Revista de Guimarães* 47: 179-184.
- CARDOSO, M. 1960. Breves observações a propósito das análises espectrográficas de alguns instrumentos metálicos da Idade do Bronze, pertencentes ao Museu “Martins Sarmento”. *Revista de Guimarães* 70 (1-2): 169-184.
- CARDOSO, M. 1968. Novo achado da Idade do Bronze na estação arqueológica da Penha (Guimarães). *Revista de Guimarães* 78 (3-4): 273-281.
- CARDOSO, M. 1970. Die Vorgeschichtliche Hohensiedlung von Penha bei Guimarães/Portugal. *Madriider Mitteilungen* 11: 91-95.
- CARDOSO, M. 1971. A estação pré-histórica da serra da Penha (Guimarães). *Actas do II.º Congresso Nacional de Arqueologia*. vol. 1: 239-268.
- COMENDADOR REY, B. 1998. *Los inicios de la metalurgia en el Noroeste de la Península Ibérica*. Brigantium 11. A Coruña: Museu Arqueológico e Histórico Castelo de San Antón.
- CONNERTON, P. 1989. *How societies remember*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GIDDENS, A. (2000) [1979]. *Dualidade da Estrutura: Agência e Estrutura*. Oeiras: Celta Ed.
- GOSDEN, C. & LOCK, G. (1998). Prehistoric histories. *World Archaeology* 30 (1): 2-12.
- HALBWACKS, M. (1975) [1925]. *Les cadres sociaux de la mémoire*. New York: Arno.
- HALBWACKS, M. (1992) [1950]. *On Collective Memory*. Ed. e trad. L.A. Coser. Chicago: University of Chicago Press.
- HARBINSON, P. (1967). Mediterranean and atlantic elements in Early Bronze Age of Northern Portugal and Galicia. *Madriider Mitteilungen* 8: 100-122.

- HUTTON, P. (1993). *History as an Art of Memory*. Hanover: University of Vermont Press.
- INGOLD, T. 2000. *The Perception of the Environment*. London: Routledge.
- JORGE, S. O. 1986. *Povoados da Pré-História Recente da região de Chaves – V.ª P.ª de Aguiar*, 3 vols. Porto.
- JUNGHANS, S.; SANGMEISTER, E. & SCHRÖDER, M. 1968. *Kupfer und Bronze in der Frühen metallzeit Europas, Studie zu den anfangen der metallurgie*. Berlin: Man Verlag.
- KALB, P. 1980. Zur Atlantischen Bronzezeit in Portugal. *Germânia* 58: 25-59.
- LILLIOS, K.T. 2003. Creating Memory in Prehistory: The Engraved Slate Plaques of South-west Iberia. In R.M. Van Dyke & S.E. Alcoc (eds.) *Archaeologies of Memory*. Oxford: Blackwell: 129-150.
- MONTEAGUDO, L. 1977. *Die Biele auf der Iberischen Halbinsel*. Prähistorische Bronzefunde, IX, 6. Munique.
- MESKELL, L. (2003) Archaeologies of Identity. In M. Van Dyke & S.E. Alcock (eds.) *Archaeologies of Memory*. Oxford: Blackwell: 187-214.
- MULK, I.M. 1994. Sacrificial places and their meaning in Saami society. In D.L. Carmichael, J. Hubert, B. Reeves & A. Schanche (eds.) *Sacred Sites, Sacred Places*. London: Routledge: 121-131.
- OLIVEIRA, M.F.M.G. 2001. *Modificações do uso do solo. A serra da Penha*. Guimarães: Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Secção de Geografia.
- PINA, J.L. 1928. A Penha eneolítica. *Revista de Guimarães* 38 (3-4): 135-138.
- PINA, J.L. 1931. Uma notável estação arqueológica portuguesa: a Penha (Portugal). *Actes du Xvème Congrès International d'Anthropologie et d'Archeologie Prehistorique*. Paris: 342-348.
- SARMENTO, F.M. 1888. Materiais para a Archeologia do Concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães* 5: 109-121.
- SARMENTO, F.M. 1999. *Antiqua – Apontamentos de Arqueologia*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.
- SILVA, M.M.S. & SANTOS, P.M. 1988-89. As cerâmicas tipo Penha do Museu Sociedade Martins Sarmento – Guimarães: estudo tipológico. *Portugália*. Nova série 9/10: 63-71.
- THOMAS, J. 2001. Archaeologies of Place and Landscape. In I. Hodder (ed.) *Archaeological Theory Today*. Cambridge: Polity Press: 165-186.
- THOMAS, J. 2004. *Archaeology and Modernity*. London and New York: Routledge.
- THOMAS, J. 2006. From dwelling to building. In V.O. Jorge, J. Muralha-Cardoso, A. Vale, G.L. Velho & L. Pereira (eds.) *Approaching “Prehistoric and Protohistoric architectures” of Europe from a dwelling perspective*. Porto: ADECAP: 349-359.
- VAN DYKE, R.M. & ALCOCK, S. 2003. Archaeologies of Memory: an introduction. In R.M. Van Dyke & S.E. Alcock (eds.) *Archaeologies of Memory*. Oxford: Blackwell: 1-13.

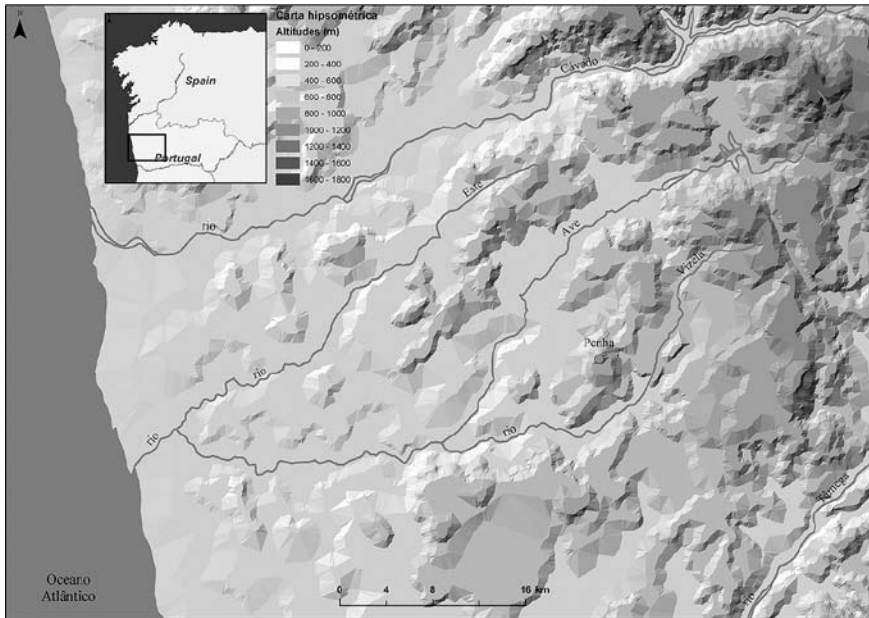


Fig. 1. O Monte da Penha no Noroeste Peninsular e no contexto do vale do Ave (seg. Luís Sousa).

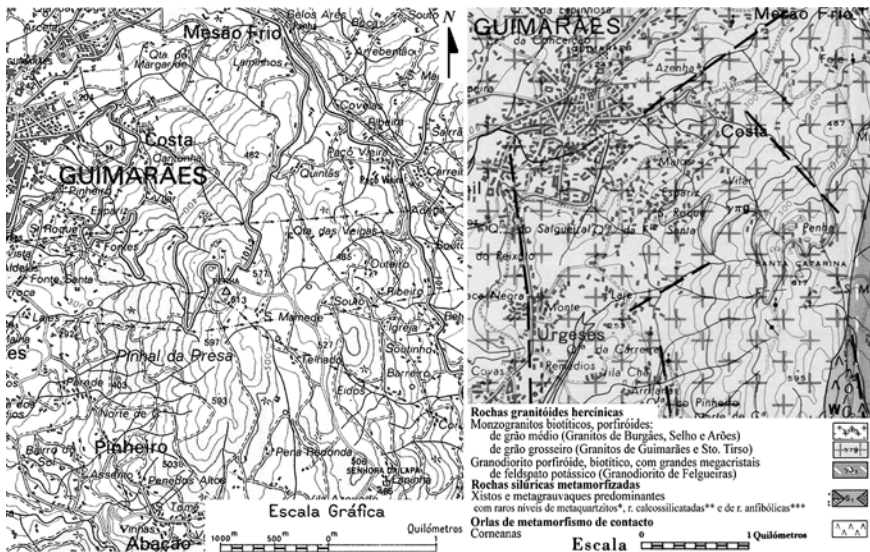


Fig. 2. O Monte da Penha na Carta Militar de Portugal, esc. 1: 25 000 e na Carta Geológica de Portugal, esc. 1: 50 000.



Fig. 3. Exemplo de um dos muitos abrigos formado pelas diversas geoformas (fot. de autor desconhecido. Ed. Comissão de Melhoramentos da Penha disponível em www.postaisportugal.canalblog.com).



Fig. 4. Monte da Penha antes das grandes obras de remodelação (fot. de autor desconhecido. Colecção privada de Lusapens disponível em www.postaisportugal.canalblog.com).

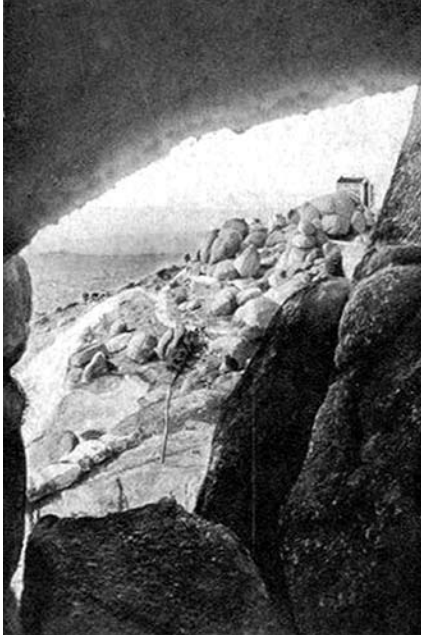


Fig. 5. Santuário antigo do Monte da Penha a partir de um abrigo natural situado a Sul (fot. de autor desconhecido. Coleção privada de Lusapens disponível em www.postaisportugal.canalblog.com).



Fig. 6. Enorme fenda natural.



Fig. 7. Monumento comemorativo em honra ao Papa Pio IX (fot. cedida pela Comissão Fabriqueira de Nossa Senhora da Penha de França).



Figs. 8 e 9. Recipientes calcólicos reconstruídos a partir dos fragmentos recolhidos.

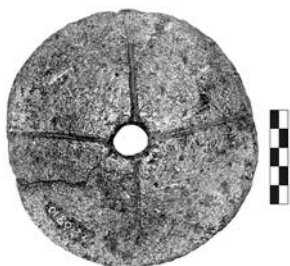


Fig. 10. Disco de granito gravado com perfuração central.



Fig. 11. Desenho de um fragmento de vaso campaniforme pontilhado geométrico (seg. Bettencourt *et al.* 2003a).

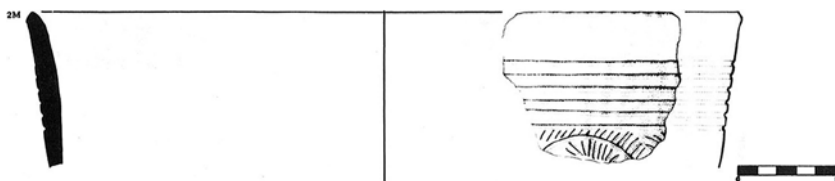


Fig. 12. Desenho de um fragmento de vaso com decoração oculada (seg. Silva & Santos 1988-1989).



Fig. 13. Machado plano de cobre.



Fig. 14. Braçal de arqueiro.



Fig 15. Recipiente da Idade do Bronze Final: urna (forma 15).



Fig. 16. Recipiente da Idade do Bronze: pote da forma 5.



Fig. 17. Machados de talão com uma argola, provavelmente da área da Fonte de Santa Catarina.



Fig. 18. Ponta de lança encontrada na área da Fonte de Santa Catarina.

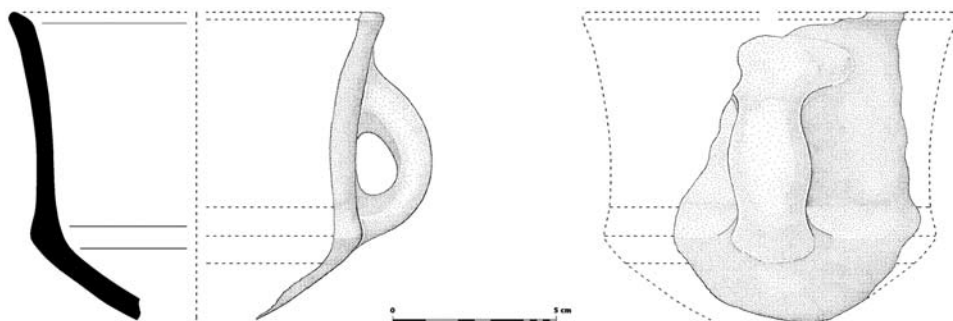


Fig. 19. Taça carenada proveniente da Pedreira da Pena, no Lugar do Telhado, freguesia de S. Tomé de Abação (desenho de José Ribeiro).



Fig. 20. Pontas de lança da Pedreira da Pena, no lugar do Telhado, freguesia de S. Tomé de Abação.



Fig. 21. Um dos braceletes do achado do lugar de Souto Escuro, Cantonha, freguesia de Costa.



Fig. 22. Aspecto do Santuário de Nossa Senhora da Penha no ano de 1934 (seg. Barroso 2004).



Fig. 23. Procissão ao cimo do monte em honra a Nossa Senhora do Carmo da Penha, no ano de 1984 (seg. Barroso 2004).